

têm fruto que tente os que passam. Avancemos corajosos no trabalho cristão.

Isidoro lamentava-se e o assunto transferia-se à reunião imediata.

De semana a semana, o aprendiz chorão multiplicava perguntas, até que, certa noite, agastado talvez com os incessantes apelos à serenidade que o instrutor lhe propunha, exclamou, desesperado:

— O que eu desejo, irmão Policarpo, é uma orientação decisiva contra os ataques indêbitos. Que medida adotar para não sermos perturbados? como anular a reprovação desalentadora? por que processo nos livrarmos dela? como furtar-nos ao remoque, à deturpação, à maldade?

O benfeitor espiritual sorriu, magnânimo, e acentuou:

— Ah! já sei... Você pede um remédio objetivo...

— Isto mesmo! — tornou Isidoro, ansioso.

— Pois bem — concluiu o amigo espiritual, benevolente —, a única medida aconselhável é a paralisia da consciência. Tome meio quilo de anestésicos por dia, descanse o corpo em poltronas e leitos, durma o resto da existência, despreocupe-se de todos os deveres, fuja à aspiração de elevar-se, resigne-se à própria ignorância e cole-se a ela, tanto quanto a ostra se agarra ao penedo, e, desde que você se faça completamente inútil, por mais nada fazer, a crítica baterá em retirada. Experimente e verá.

Isidoro escutou a estranha fórmula, de olhos arregalados e, daí em diante, começou a servir sem perguntar.



O caçador providencial

Conversávamos acerca do sofrimento, quando o orientador hindu que nos acompanhava contou com simplicidade infantil:

— O Anjo da Libertação desceu do Paraíso a este mundo, pousando num cômodo verdejante, a reduzida distância do mar.

Aproximaram-se dele um melro, um abutre, uma tartaruga e uma borboleta.

Reconhecendo que essa era a assembleia de que podia dispor para a revelação que trazia, o iluminado peregrino começou, ali mesmo, a exaltar as virtudes do Alto, convidando-os à Vida Superior.

Com frases convincentes, esclareceu que o melro, guindado aos cimos de luz, transformar-se-ia num pombo alvo, que o abutre seria metamorfoseado numa ave celestial, que a tartaruga receberia nova forma, suave e leve, em que lhe seria possível planar na imensidão azul e que a borboleta converter-se-ia em estrela luminescente...

Os ouvintes assinalaram as promessas com emoção, no entanto, assim que o silêncio voltou a reinar, o melro alegou:

— Anjo bom, escusai-me! Um ninho espera-me no arvoredor... Meus filhotes não me entenderiam a ausência...

E afastou-se, apressado.

O abutre confessou em tom enigmático:

— Comovente é a vossa descrição do Plano

Divino, entretanto, possuo interesses valiosos no mundo. Preciso voar...

E partiu, batendo as asas, a fim de arrojá-las sobre carniça próxima.

A tartaruga moveu-se lentamente e explicou:

— Quisera seguir-vos, abandonando o cárcere sob o qual me arrasto no solo, contudo, tenho meus ovos na praia...

E regressou, pachorrenta, à habitação que lhe era própria.

A borboleta achegou-se ao pregador da bem-aventurança e disse, delicada:

— Santo, não posso viajar convosco. Moro num tronco florido e meus parentes não me desculpariam a fuga.

E tornou à frescura do bosque.

O Anjo, que não podia violentá-los, marchou, sozinho, para diante...

A borboleta, porém, apenas avançara alguns metros, na volta a casa, viu-se defrontada por hábil caçador que lhe cobiçava as asas brilhantes.

Após longa resistência, tentou alcançar a árvore em que residia, mas, perseguida, presenciou a morte de alguns dos familiares que repousavam. Chorosa, buscou refugiar-se em velha fumaça, sendo facilmente desalojada pelo implacável verdugo. Ensaçou, debalde, esconder-se entre velhos barcos esquecidos na areia... Tudo em vão, porque o homem tenaz era astucioso e sabia frustrar-lhe todas as tentativas de defesa, armando-lhe ciladas cada vez mais inquietantes.

Quando a pobre vítima se sentia fraquejar, lembrou-se do Anjo da Libertação e voou ao encontro dele.

O mensageiro divino recebeu-a, contente, e, oferecendo-lhe asilo nos próprios braços, garantiu-lhe a salvação.

O narrador fez pequena pausa e considerou:

— O sofrimento é assim como um caçador providencial em nossas experiências. Sem ele, a Hu-

manidade não se elevaria à renovação e ao progresso. Quem se acomoda com os planos inferiores, dificilmente consegue descortinar a Vida Mais Alta, sem o concurso da dor. Saibamos, assim, tolerar a aflição e aproveitá-la. Quando a criatura se vê na condição da borboleta aflita e desajustada, aprende a receber na Terra o socorro do Céu.

Calou-se o mentor sábio, e, porque ninguém comentasse o formoso apólogo, passámos todos a refletir.

